

ADAM SMITH E A RELAÇÃO ENTRE ACUMULAÇÃO DE CAPITAL E CRESCIMENTO ECONÔMICO¹

RESUMO

Rosalina Lima Izepão
UEM, Brasil
rlizepao@uem.br

Eduarda Teixeira da Silva
Tomazella
UEM, Brasil
ra124935@uem.br

Maria Rita de Abreu
UEM, Brasil
ra130535@uem.br

PALAVRAS-CHAVE

Adam Smith;
Acumulação de Capital;
Riqueza das Nações.

KEYWORDS

Adam Smith;
Accumulation of capital;
Wealth of nations.

JEL CODE

B 1; N 2; B 11

ÁREA 01

História Econômica, Economia
Política e Metodologia.

A publicação, em 1776, da obra “A riqueza das nações”, por Adam Smith marcou o surgimento da Economia Política, tornando esta área do conhecimento, uma ciência. No próximo ano, 2026, a obra completará 250 anos mantendo o seu vigor e importância nos mais diversos campos da ciência e da sociedade. No presente estudo tem-se como objetivo analisar as contribuições de Smith para o entendimento da relação entre a acumulação de capital e crescimento econômico, durante o capitalismo na sua fase industrial. Trata-se de uma pesquisa bibliográfico-descritiva, que teve como fonte primária a obra “A riqueza das nações”, Livro Segundo. Os resultados do estudo mostraram que para Smith, tanto a aplicação em capital fixo quanto circulante gera acumulação de capital e crescimento econômico, desde que usados produtivamente. Da mesma forma, a priorização da segurança e da poupança são elementos fundamentais, neste processo.

ABSTRACT

The publication, in 1776, of the work "The wealth of nations", by Adam Smith marked the emergence of Political Economy, making this area of knowledge a science. Next year, 2026, the work will complete 250 years maintaining its vigor and importance in the most diverse fields of science and society. The present study aims to analyze Smith's contributions to understanding the relationship between capital accumulation and economic growth during capitalism in its industrial phase. It is a bibliographic-descriptive research, which had as primary source the work "The wealth of nations", Second Book. The results of the study showed that for Smith, both the application in fixed capital and circulating generates accumulation of capital and economic growth, since they are used productively. Similarly, the prioritization of safety and savings are key elements in this process.

¹ Resultados parciais do Projeto de Ensino: ‘Reflexões Sobre Economia Política: os 250 anos de “A riqueza das nações”’, Proc. n. 707/2025 – PEN, coordenado pela Profa. Rosalina Lima Izepão – rlizepao@uem.br.



INTRODUÇÃO

A partir da I Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra, em meados do século XVIII, tem-se a consolidação do capitalismo como sistema econômico. É nesta nova fase, surgida em substituição ao capitalismo comercial, que Adam Smith publicou o livro que representa um marco importante na evolução do pensamento econômico, ou seja, “A riqueza das nações: uma investigação sobre sua natureza e suas causas”, em 1776.

A obra marca o início da economia como ciência, sob a denominação de Economia Política. Portanto, no próximo ano, 2026, “A riqueza das nações”, como ficou conhecida estará completando 250 anos de sua publicação. Trata-se de uma obra, cujo valor é inestimável para a literatura econômica e que incita diversos temas para pesquisas. Neste sentido, no presente estudo tem-se como objetivo analisar as contribuições de Adam Smith para o entendimento da relação entre a acumulação de capital e o crescimento econômico, durante o capitalismo na sua fase industrial. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa caracterizada, por seus objetivos, como bibliográfico-descritiva, tendo como fonte primária o livro “A riqueza das nações”, com ênfase ao Livro Segundo, além da utilização de outras fontes secundárias.

O estudo encontra-se estruturado em três seções, além desta Introdução e da Conclusão. Na primeira seção mostra-se “A riqueza das nações” como marco inicial da ciência econômica, além da trajetória acadêmica de Smith até a publicação de “A riqueza das nações”. Na segunda discute-se a relação entre o capital e seus diferentes tipos e aplicações. Na terceira seção evidencia-se a inter-relação entre a segurança, a poupança, o consumo com a acumulação de capital.

1 O MARCO INICIAL DA CIÊNCIA ECONÔMICA: ADAM SMITH E A PUBLICAÇÃO DE “A RIQUEZA DAS NAÇÕES”

1.1 O CONTEXTO HISTÓRICO BRITÂNICO NO SÉCULO XVIII

A Inglaterra no século XVIII, diferente das demais nações capitalistas da época, era o país que reunia todas as condições necessárias para dominar o processo de acumulação capitalista, cuja base seria a I Revolução Industrial. E foi o que aconteceu. Por mais de um século, a industrialização ficou praticamente limitada à Grã-Bretanha. Isto tornou a Inglaterra na maior nação produtora e exportadora de produtos manufaturados. Com isso, a sua população nos centros urbanos cresceu, significativamente, e a exploração da força de trabalho atingiu níveis impressionantes (ARRUDA, 1980).

Entre as pré-condições para que a Inglaterra atingisse este status estavam: a Revolução Puritana (1640/42 a 1649) que, na defesa dos ideais liberais, estimulou o enriquecimento e a poupança; a Revolução Gloriosa de 1688/89, última fase da Revolução Inglesa², que transferiu o poder político da monarquia para a burguesia,

²A Revolução Inglesa teve 04 fases: Guerra Civil ou Revolução Puritana (1640/42 – 1649); Governo e Protetorado de Cromwell (1649 – 1658); Restauração Monárquica (1658-1688) e Revolução Gloriosa (1688/89). Ver Arruda (1980).

favorecendo os seus negócios com ampliação da oferta de infraestrutura como estradas, portos e canais, além do desenvolvimento de políticas econômicas, voltadas para o incremento do comércio externo e à melhoria da circulação interna de mercadorias pela eliminação de barreiras alfandegárias e uniformização de impostos (Beaud, 2004).

A partir destas medidas econômicas, a Inglaterra passou a conquistar grandes mercados consumidores e fornecedores de matérias primas, além de possuir número expressivo de mão de obra disponível. Isso, atrelado ao avanço da ciência moderna, explica porque a denominada Escola Clássica surgiu na Inglaterra e a sua preocupação constante com a acumulação de capital e o crescimento econômico. E é justamente sobre o modelo de crescimento britânico, desta época, que tratou Adam Smith em sua principal obra “A riqueza das nações”.

1.2 ADAM SMITH (1723-1790): TRAJETÓRIA ACADÊMICA E “A RIQUEZA DAS NAÇÕES”

Adam Smith nasceu na Escócia e estudou Ciência Moral, Política e Línguas em Oxford. Em 1751, passou a lecionar Filosofia Moral. Em 1759, publicou o livro ‘Teoria dos sentimentos morais’³. Após 12 anos, deixou o magistério e, como tutor de um jovem, viajou pela Europa. Na França, com François Quesnay, árduo defensor do liberalismo, aproximou-se do tema economia política. Em 1766, Smith aposentou-se e iniciou os escritos que resultaram na publicação, em 1776, da obra ‘A riqueza das nações’. Neste livro apresenta, com farto material histórico e empírico, um modelo explicativo para o crescimento econômico das nações, tendo como objeto de estudo, a Inglaterra industrializada (Oser; Blanchfield, 1983).

Quadro 01 – Principais obras publicadas por Adam Smith

N.	Ano	Título
01	1746-1748	<i>Edinburgh Review</i> e outros periódicos conceituados (artigos diversos e interdisciplinares)
02	1746-1748	Os princípios que guiam e conduzem a investigação científica ilustrados pela história da astronomia.
02	1759	A teoria dos sentimentos morais
03	1776	Uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações, mais conhecida como “A riqueza das nações”.
04	1795*	História da Astronomia História da Metafísica História da Física

Fonte: Izepão (2019).

Nota: * Publicações póstumas.

³ Nesta obra filosófica, Smith defende o Estado liberal, ao discutir vícios e virtudes, mostrando que o homem, diferente do pensamento de Maquiavel e Hobbes, defensores do absolutismo, sabe conviver em sociedade. Os freios morais inibem o egoísmo natural dos homens. Quanto aos indivíduos insociais estes, para Smith são exceções e que se praticarem algum crime devem ser punidos por meio do sistema de justiça. Assim, se a maioria das pessoas sabe se comportar em sociedade, a tutela do Estado é desnecessária. Ver Izepão (2019).

Em vida, a obra que tornou Smith mais conhecido foi “Teoria dos Sentimentos Morais”, mas “A riqueza das nações” marcou o início da Ciência Econômica com o nome de Economia Política.

1.3 A OBRA “A RIQUEZA DAS NAÇÕES”⁴

A obra “A riqueza das nações” encontra-se estruturada em 5 livros. No Livro Primeiro, Smith explica que a riqueza de uma nação, representada pela produção anual de bens tangíveis, é gerada pelo trabalho produtivo. O aumento desta produção depende da divisão do trabalho, cuja origem está na propensão humana à troca. Destaca que o bem coletivo advém da preocupação do produtor com seus próprios interesses. Outros elementos destacados em sua análise são: a importância da extensão dos mercados; do uso do dinheiro; as definições de valor, preços e dos componentes do preço que são: salário, lucro e renda.

No Livro Segundo Smith trata da importância da acumulação de capital para o avanço da divisão do trabalho e, portanto, do aumento da produção, principal medida de riqueza de uma nação. Este tema será analisado na seção 3, deste estudo. No Livro terceiro, Smith explica a importância do comércio tanto interno, quanto externo, para o desenvolvimento das economias, além do trabalho livre e da inter-relação campo-cidade.

O Livro Quarto, é onde Smith cita a “mão invisível” tratando da importância do livre mercado. O autor, explica que a economia política é uma área da ciência ligada ao estadista visando a riqueza tanto do povo, quanto do soberano. Tece longas críticas ao Sistema Mercantil (Mercantilismo) e destaca alguns pontos positivos e outros negativos do Sistema Agrícola (Fisiocracia). No Livro Quinto, Smith lista e explica as despesas e receitas do Reino, além de mostra-se contrário ao endividamento do Estado.

2 A RELAÇÃO ACUMULAÇÃO DE CAPITAL E CRESCIMENTO ECONÔMICO⁵

Ao expor as diferentes partes que compõem o capital, seja de um indivíduo ou de uma nação, Smith este capital em três: o corresponde à parte do estoque da qual se espera auferir renda, o que é a essência do capital propriamente dito; a segunda é aquela reservada ao consumo imediato e a terceira corresponde aos bens que o indivíduo adquiriu com rendas passadas e que ainda não foram totalmente consumidos naquele momento. A partir de então, Smith apresenta a distinção entre capital fixo e capital circulante. O capital fixo é aquele empregado em atividades que permitem o aumento da produção, como o investimento em melhorias das terras, na compra de máquinas e equipamentos ou em quaisquer outros bens que auxiliem no aumento do lucro do proprietário. Já o capital circulante é aquele que gera renda apenas ao mudar de mãos como o dinheiro e matérias-primas, por exemplo. Assim, para Smith, diferentes atividades econômicas exigem diferentes proporções desses dois tipos de capital.

⁴ Seção extraída de Smith (1988). Volumes I, II e III.

⁵ Seção elaborada com base em Smith (1988), Livro Segundo, Volume I.



O capital geral de um país é a soma do capital de todos os seus habitantes, dividindo-se igualmente das seguintes partes. A primeira parte é o capital de consumo imediato, que não gera renda, nem lucro, pois está destinado a suprir as necessidades da população, como alimentos, roupas e outros artigos. A segunda é o capital fixo, cuja essência é proporcionar renda ou lucro sem circular ou mudar de proprietário. Para Smith são quatro, os componentes principais do capital: 1) São todas as máquinas e instrumentos de trabalho que facilitam e aumentam a produtividade; 2) as construções que, por meio do aluguel, garantem renda ao proprietário e utilidade ao inquilino, como lojas, depósitos e casas comerciais; 3) as benfeitorias realizadas nas terras, como cercas, limpeza ou preparação para cultivo; e; 4) as habilidades e qualificações adquiridas pelos indivíduos da sociedade.

Quanto ao capital circulante, este depende da circulação e da transferência de propriedade. Esse tipo de capital se divide em quatro elementos: 1) o dinheiro, como meio de pagamento; 2) os estoques de provisões que se destinam à venda com expectativa de lucro; 3) as matérias-primas ou materiais já parcialmente manufaturados, que ainda passarão por transformação e; 4) os produtos acabados, que permanecem nas mãos do comerciante até sua venda ou distribuição final. Entre essas quatro divisões, três delas como insumos, matérias-primas e produtos acabados, ao longo do tempo, e, em períodos regulares, são retiradas do capital circulante e incorporadas ao capital fixo ou ao consumo imediato.

Smith enfatiza que nenhum capital fixo é capaz de gerar renda por si só, sem o apoio do capital circulante, nem as máquinas por mais sofisticados que sejam, não produzem sem insumos, matérias-primas e trabalhadores. Portanto, tanto o capital fixo, quanto o circulante possuem como objetivo último sustentar e ampliar o capital de consumo imediato, pois é este que garante alimentação, vestimenta e moradia à sociedade. A riqueza ou a pobreza de uma nação dependerá, assim, da abundância ou da escassez de recursos que assegurem a manutenção desse consumo. Logo, a prosperidade econômica está diretamente ligada à interação equilibrada entre os diferentes tipos de capital.

2.2 O DINHEIRO COMO SETOR ESPECÍFICO DO CAPITAL

Para Smith, o capital circulante é composto por quatro elementos: o dinheiro, os estoques de provisões, as matérias-primas e os produtos acabados que ainda não foram vendidos. Desses quatro, apenas os três últimos são regularmente incorporados ao capital fixo ou ao capital reservado ao consumo imediato. O dinheiro não porque é o único componente do capital circulante cuja manutenção não gera diretamente um aumento da renda, mas sim uma dedução sobre a renda líquida da sociedade. Mas, para Smith existe uma semelhança entre o dinheiro e o capital fixo no que diz respeito ao modo como ambos afetam a economia. Máquinas, instrumentos e construções, por exemplo, embora sejam fundamentais para a produção, exigem constante manutenção e custos de conservação, essas despesas ainda que componham a renda bruta de uma nação, significam uma redução de sua renda líquida. O mesmo acontece com o dinheiro: para existir em circulação, ele demanda custos de extração, cunhagem, transporte e segurança. Dessa forma, apesar de ser indispensável, sua manutenção representa um peso sobre a renda

líquida da sociedade, funcionando como um tipo de "despesa inevitável" para permitir a circulação de bens e serviços.

Outro ponto essencial discutido é que, ao falar de dinheiro, não devemos considerar apenas as peças metálicas que o compõem, mas sim o valor que elas representam, isto é, o seu poder de compra. O dinheiro, em si mesmo, não tem utilidade como fonte de consumo ou produção; seu valor reside naquilo que ele pode adquirir em troca. Nesse sentido, é utilizado um exemplo bastante claro: se uma pensão fosse paga não em ouro, mas em um vale semanal, a renda do indivíduo não consistiria no pedaço de papel recebido, mas no que poderia ser comprado com ele. Esse trecho mostra que o verdadeiro significado do dinheiro está na sua função de meio de troca, e não em sua substância física. Assim, para Smith, embora o dinheiro seja necessário para movimentar a economia, ele não aumenta diretamente a riqueza de uma nação.

É nesse contexto que Smith introduz a discussão sobre o papel-moeda e o crédito. Para Smith, quando o papel-moeda substitui parte do dinheiro metálico, ocorre uma liberação de capital, pois o ouro e a prata antes empregados apenas na circulação podem ser redirecionados para investimentos produtivos. Isso significa que o crédito e os bancos, ao emitirem notas conversíveis em moeda metálica, permitem que a sociedade mantenha sua atividade de troca sem precisar empatar tanto capital em metais preciosos. Desde que o sistema de crédito seja regulado e confiável, o papel-moeda desempenha a mesma função do dinheiro metálico, mas com a vantagem de reduzir custos e liberar recursos para outras finalidades.

Em resumo, Adam Smith considera o dinheiro um setor específico do capital circulante que, apesar de indispensável, deve ser compreendido como um meio e não como um fim. Seu valor está no poder de compra que proporciona e não em sua substância física. Além disso, o dinheiro exige custos de manutenção que reduzem a renda líquida da sociedade, razão pela qual é vantajoso reduzir ao mínimo possível a quantidade de capital empregada nesse setor. Dessa forma, quanto menor a imobilização em metais preciosos e maior o uso eficiente de instrumentos de crédito e papel-moeda, mais recursos estarão disponíveis para atividades produtivas, aumentando a riqueza real da nação.

2 SOBRE A POUPANÇA, O CONSUMO E A ACUMULAÇÃO DE CAPITAL

Para Smith existem dois tipos de trabalho: o produtivo, que acrescenta valores por meio da geração de bens vendáveis e o improdutivo que não gera nada, embora sejam respeitáveis à exemplo dos profissionais liberais, eclesiásticos, artistas e outros. E todos são mantidos pela produção anual da terra e da mão de obra da nação. Assim, o emprego do capital deve se dar mais no tipo produtivo para que haja acumulação de capital e crescimento econômico. O autor cita exemplos de países europeus que segundo ele eram ricos como a Inglaterra e a Holanda por empregar mais capital no comércio, na agricultura e nas manufaturas. Já algumas cidades francesas e Roma, na Itália, por exemplo, eram pobres por não empregarem muito capital no setor produtivo. Outro fator de empobrecimento de um indivíduo ou nação segundo Smith era o capital aplicado a juros. Para Smith "A ociosidade da população mantida por renda corrompe a operosidade dos que deviam aplicar capital" (Smith, 1988, p. 257). Para ele, o sustento das pessoas deveria advir do

comércio, da agricultura ou da indústria. A população fica mais trabalhadora e o país enriquece.

Para Smith, a poupança, ou seja, a parcimônia aumenta a riqueza, enquanto o esbanjamento e má administração a reduz. Assim, tudo o que a pessoa economiza da sua renda, acrescenta a seu capital: adquire mão de obra, capital a juros, por exemplo. Quanto ao consumo, os consumidores são diferentes: O capitalista consome somente uma parte dos lucros. A outra investe em função do lucro. Já os esbanjadores dão destinação errada ao capital. Gastam com supérfluos ou com o trabalho improdutivo, tendendo, assim, a empobrecer. O mesmo ocorre com os países. A má administração do capital tem o mesmo efeito.

No que se refere ao dinheiro a juros, Smith esclarece: dinheiro emprestado a juros é capital somente para o emprestador porque, para o tomador o devolve com juros, gerando lucro a quem o emprestou. Assim, se o tomador usou o dinheiro para investir e receber lucro, é bom negócio, mas, se foi pagar dívidas ou consumir, empobrecerá. O mesmo ocorre com as nações. Ainda mais se os juros estiverem altos, ditados pelo mercado. Smith destaca, ainda, que para haver acumulação de capital e crescimento econômico tanto pessoal, quanto da nação, não deve haver intervenção do Estado, por meio de impostos, tarifas ou limitação de comerciantes, tanto interna, quanto no comércio externo pois a concorrência é benéfica para todos.

4 CONCLUSÃO

Nos livros Primeiro e Segundo estão as partes teóricas de “A riqueza das nações”. No Livro Segundo Smith discute a natureza do capital que pode ser fixo ou circulante e como ele pode ser acumulado, destacando as diferentes formas de se empregar o capital, para que proporcione lucro ou renda a quem o emprega no setor produtivo. Quanto ao dinheiro, para Smith é caracterizado como capital circulante e sua importância se destaca como meio de pagamento, por dar agilidade ao comércio, contribuindo para a acumulação de capital individual e da nação, portanto ao crescimento econômico.

Para Smith, a produção de excedentes para a troca, em sociedades avançadas, gera acumulação de capital, que é critério para a divisão do trabalho e para o aperfeiçoamento das forças produtivas. O autor destaca que há duas formas de se obter lucro ou renda do capital: uma delas é comprando bens e revendendo com lucros, ou seja, é um capital que sai da mão e volta, recebendo o nome de capital circulante. A outra forma é o investindo em máquinas e equipamentos para terra, o que se denomina capital fixo.

Embora o motor da acumulação de capital e do crescimento econômico esteja, para Smith, principalmente no lado real da economia, caracterizado pela produção de bens tangíveis em larga escala, ditada pelo aperfeiçoamento constante da divisão do trabalho, a aplicação dos diferentes tipos de capital, o consumo controlado e a poupança também são peças chave neste motor de acumulação de capital tanto individual, quanto da nação. Assim, não se pode negar as abordagens de Smith em relação à parcimônia, ao papel do crédito, da circulação e da emissão da moeda, como também as considerações a respeito da taxa de juros como bases da acumulação de capital e do crescimento econômico da nação.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, J. J. **História moderna e contemporânea.**

BEAUD, M. **História do capitalismo:** de 1500 aos nossos dias. São Paulo: Brasiliense, 2004.

HUBERMAN, L. **História da riqueza do homem.**

FEIJÓ, R. **História do pensamento econômico.**

IZEPÃO, R. L. **Smith e o modelo de crescimento econômico britânico.** Maringá: UEM. 20 de maio de 2019. Nota de aulas.

OSER, J; BLANCHFIELD, W. C. **História do pensamento econômico.** São Paulo: Atlas, 1983.

SMITH, A. **A riqueza das nações:** investigação sobre sua natureza e suas causas. São Paulo: Nova Cultural, 1988, Volumes I, II e III.